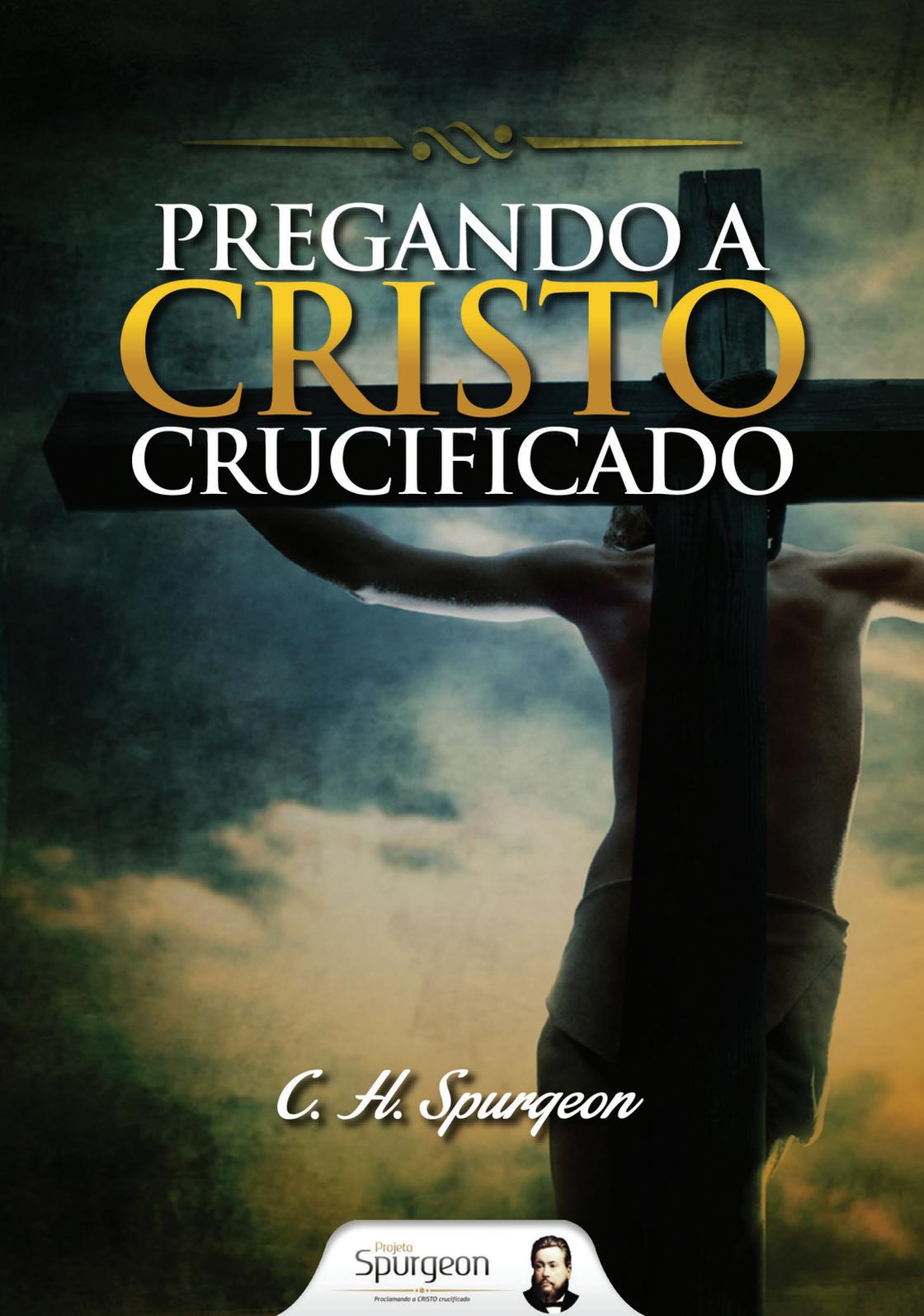




PREGANDO A
CRISTO
CRUCIFICADO



C. H. Spurgeon

Projeto
Spurgeon



Proclamando a CRISTO crucificado



PREGANDO A
CRISTO
CRUCIFICADO

C. H. Spurgeon

Projeto Spurgeon

Proclamando a CRISTO crucificado

Pregando a Cristo Crucificado

Nº 3218

Sermão pregado na noite de Domingo, 23 de agosto, 1863;
Por *Charles Haddon Spurgeon*,
No Tabernáculo Metropolitano, Newington, Londres,
E publicado na quinta-feira, 6 de outubro, 1910.

“Mas nós pregamos a Cristo crucificado.”

2 Coríntios 1:23.

No versículo que precede nosso texto, Paulo escreve: “os *judeus pedem sinais.*” Diziam: “Moisés fez milagres; se vemos que se fazem milagres, então creremos,” esquecendo que todos os milagres que Moisés fez foram totalmente obscurecidos pelos milagres feitos por Jesus no homem, quando esteve aqui na terra. Logo, houve certos mestres judaizantes que, para ganhar os judeus, pregavam a circuncisão, exaltavam a Páscoa e procuravam demonstrar que o judaísmo podia existir lado a lado do cristianismo, e que os antigos ritos ainda podiam ser praticados pelos seguidores de Cristo. Então, Paulo, *‘que a todos os homens foi feito de tudo, para que de todos os modos salvasse alguns,’* to-

mou uma determinação, e disse, com efeito: “Independente-mente do que os outros façam, nós pregamos a Cristo crucificado; e não nos atreveríamos a alterar, nem poderíamos alterar, nem alteraríamos o grandioso tema de nossa pregação, ‘Jesus Cristo, e a este crucificado.’”

Logo acrescentou: “*e os gregos buscam sabedoria.*” Corinto era o olho mesmo da Grécia, e os gregos de Corinto buscavam avidamente aquilo que valorizavam como a sabedoria, ou seja, a sabedoria deste mundo, não a sabedoria de Deus que Paulo pregava. Os gregos guardavam também a lembrança da eloquência de Demóstenes e outros oradores famosos, e pensavam que a verdadeira sabedoria devia ser proclamada com os enfeites de uma elocução magistral; mas Paulo escreve a esses gregos de Corinto: “*me propus não saber entre vós coisa alguma, senão Jesus Cristo e a este crucificado... e nem minha palavra, nem minha pregação foi com palavras persuasivas de sabedoria humana, mas com demonstração do Espírito e de poder, para que vossa fé não esteja fundamentada na sabedoria dos homens, mas no poder de Deus.*”

Agora, há algumas pessoas, nestes dias, que se alegrariam se nós pregássemos qualquer coisa, exceto a Cristo e este crucificado. Por acaso, os mais perigosos deles são os que pedem a gritos uma pregação intelectual, com o que querem dizer, uma pregação que nem os ouvintes, nem

os pregadores mesmos podem entender, o tipo de pregação que tem pouco ou nada a ver com as Escrituras, e que requer, para sua explicação, mais de um dicionário que de uma Bíblia. Estas são as pessoas que continuamente vão de um lado a outro perguntando: “você escutaram a nosso ministro? Deu-nos um assombroso discurso no domingo passado pela manhã; mencionou citações em hebraico, e em grego, e em latim, e recitou partes encantadoras de poesia; com efeito, foi por completo um festejo intelectual.” Sim, e eu tenho comprovado que, usualmente, esses festejos intelectuais conduzem à ruína das almas; esse não é o tipo de pregação que Deus geralmente abençoa para a salvação das almas, e, então, ainda que outros preguem a filosofia de Platão, ou adotem os argumentos de Aristóteles, “*nós pregamos a Cristo crucificado,*” ao Cristo que morreu pelos pecadores, o Cristo do povo, e “*nós pregamos a Cristo crucificado*” em uma linguagem simples e uma mensagem clara que as pessoas comuns possam entender.

Vou procurar dar a nosso texto uma aplicação prática, dizendo-lhes, primeiro, *o que pregamos*; em segundo lugar, *a quem pregamos*; e, em terceiro lugar, *como pregamos*.

I. Em primeiro lugar, O QUE PREGAMOS. Paulo é um modelo para todos os pregadores, e ele diz: “*nós pregamos a Cristo crucificado.*”

Para poder pregar o Evangelho plenamente, deve haver uma claríssima descrição da pessoa de Cristo; e nós pregamos a Cristo como Deus; não um homem convertido em Deus, não um Deus rebaixado ao nível de homem, não alguém entre um homem e um Deus, mas “*Deus verdadeiro de Deus verdadeiro,*” um com seu Pai em todos os atributos: eterno, que não tem começo de dias, nem fim de vida; onipresente, enchendo todo o espaço; onipotente, tendo todo o poder no céu e na terra; onisciente, sabendo todas as coisas desde a eternidade; o grandioso Criador, Preservador, e Juiz de tudo, em todas as coisas, a mesma e expressa imagem do Deus invisível. Se erramos em relação à Deidade de Cristo, erramos em tudo. O Evangelho que não revela o Salvador Divino, não é absolutamente um Evangelho. É como um barco sem leme. O primeiro vento contrário que sopra, o leva à destruição, e, aí das almas que confiam nele. Não há ombros, exceto os ombros poderosos que sustentam as gigantescas colunas da terra que poderiam sustentar o enorme peso das necessidades humanas. Nós lhes pregamos a Cristo, o Filho de Maria, que uma vez dormiu nos braços de sua mãe, e, contudo, é o Infinito, inclusive quando era um bebê; Cristo, o conhecido Filho de José, trabalhando na oficina de carpintaria, mas sendo todo tempo o Deus que fez os céus e a terra; Cristo, que não tinha onde reclinar a cabeça, desprezado e rejeitado entre os homens, que é, contudo, “Deus sobre todas as coisas, bendito pelos séculos”; Cristo cravado no maldito madeiro, sangrando

por cada um de Seus poros, e morrendo na cruz, e, contudo, vivendo para sempre; Cristo sofrendo agonias que são indescritíveis, mas sendo ao mesmo tempo o Deus em que na Sua destra há prazeres para sempre. Se Cristo não houvesse sido homem, não haveria podido identificar-se nem com você, nem comigo, nem poderia ter sofrido em nosso lugar. Como poderia ser a Cabeça do pacto dos filhos e filhas de Adão, se não houvesse sido feito em tudo segundo a semelhança deles, exceto que não tinha pecado? Com somente essa exceção, Ele era tal como somos, osso de nossos ossos e carne de nossa carne, e, contudo, era tão verdadeiramente Deus como era homem, o Ser de quem Isaías foi inspirado a profetizar: “*Se chamará seu nome Maravilhoso Conselheiro, Deus forte, Pai eterno, Príncipe da Paz.*” Então, quando pregamos a Cristo crucificado, pregamos a glória do céu conjuntamente com a beleza da terra, a perfeição da humanidade reunida com a glória e a dignidade da Deidade.

Continuando, devemos pregar muito claramente a Cristo como *o Messias, o Enviado de Deus*. Desde muito tempo atrás, havia sido profetizado que um grande Libertador devia vir, que seria: “*Luz para revelação dos gentios,*” e “*glória de Seu povo Israel*”, e Jesus de Nazaré foi esse Libertador prometido, de quem, tanto Moisés na lei, como os profetas, escreveram. Ele foi enviado por Deus para ser o *salvador dos pecadores*. Não assumiu este ofício sem autoridade, mas podia dizer de verdade: “*Aqui venho, oh Deus, para*

fazer tua vontade.” Ele se converteu no Substituto dos pecadores, mas isto não sucedeu acidentalmente, mas por um decreto divino, pois lemos: “*mas o Senhor fez cair sobre Ele a iniquidade de nós todos.*” Um sacerdote que não fosse ordenado, um profeta que não fosse enviado por Deus, um rei sem a autoridade divina teria sido unicamente uma piada; mas nosso grandioso Sumo Sacerdote foi unguindo divinamente, nosso profeta sem igual foi enviado por Deus, e nosso Rei é Rei dos reis e Senhor dos senhores, reinando justamente como o Filho eterno do Pai eterno.

Pecador, esta verdade deveria lhe proporcionar esperança e consolo: o Cristo que pregamos é o Ungido do Senhor; e o que Ele faz, o faz por decreto. Quando Ele lhes disse: “*Venham a mim, todos que estais cansados e sobrecarregados, e eu os farei descansar,*” fala em nome do Seu Pai como também em seu nome próprio, pois tem a garantia do Eterno que apoia Sua declaração. Portanto, venham com confiança a Ele, e ponham sua confiança Nele.

Uma vez que o pregador põe um fundamento bom e sólido por meio da pregação da pessoa de Cristo e a condição de Messias de Cristo, ele deve continuar pregando *a obra de Cristo*. Só posso proporcionar um breve resumo do qual tomaria toda a eternidade para explicá-lo. Temos de pregar de tal maneira que mostremos como, no pacto eterno, Cristo tomou o lugar de Fiança e Representante de Seu povo; e

como, na plenitude dos tempos, saiu dos palácios de mármore, levando as vestes da carne; e como cumpriu, primeiro, uma justiça ativa por meio da perfeita obediência de Sua vida cotidiana, e ao final, cumpriu uma justiça passiva através de Seus sofrimentos e morte na cruz. Começando na encarnação, prosseguindo à obra grandiosa da redenção, falando da morte de Cristo, da ressurreição, ascensão, intercessão diante do trono de Seu Pai e da gloriosa segunda vinda, temos um tema que os anjos muito bem poderiam cobiçar, um tema que poderia despertar a esperança no coração do pecador.

Mas é especialmente a *Cristo crucificado* a quem temos de pregar. Suas feridas e inchaços nos lembram de que devemos lhes dizer que: “*Mas Ele foi ferido por nossas transgressões, moído por nossos pecados; o castigo que nos trouxe a paz, estava sobre Ele, e por suas chagas, fomos curados.*” A salvação deve ser encontrada no Calvário; onde Jesus inclinou sua cabeça, e entregou seu Espírito, venceu os poderes das trevas e abriu o Reino dos Céus a todos os crentes.

Há uma palavra que todo verdadeiro servo de Cristo deve ser capaz de explicar de maneira muito clara; e esta palavra é: *substituição*. Eu creio que ‘*substituição*’ é a palavra-chave para toda a teologia: Cristo ocupa o lugar dos pecadores, e é contado entre os transgressores por causa das trans-

gressões deles, não das Suas próprias; Cristo paga nossas dívidas e salda todos nossos passivos. Esta verdade implica, conseqüentemente, que nós tomamos o lugar de Cristo, quando Ele toma o nosso, de tal forma que todos os crentes são amados, aceitos, feitos herdeiros de Deus, e, no tempo designado, serão glorificados com Cristo para sempre.

Irmãos ministros, se vocês não pregam outra coisa, façam com que seus ouvintes entendam sempre, claramente, que há um Substituto divino e suficiente em tudo para os pecadores, e que, todos que põem sua confiança Nele, serão salvos eternamente.

Quando pregamos a Cristo assim, devemos pregar também *Seus ofícios*. Devemos pregar a Cristo como *o grandioso Sumo Sacerdote* que vive para sempre e intercede por nós. Devemos pregá-lo como *Profeta* cujas palavras são divinas, e, portanto, chegam a nós com uma autoridade da qual não podemos ignorá-la. Devemos assegurar-nos de pregá-lo sempre como *Rei*, pondo a coroa de louvor sobre Sua cabeça real, e exigindo de Seu povo a inalterável fidelidade e lealdade de seus corações, e o serviço indivisível de suas vidas.

Devemos pregar também os *direitos de Cristo para seus ofícios*. Ele é um Esposo? Devemos dizer-lhes quão amoroso e quão terno é. Ele é um Pastor? Devemos proclamar Sua

paciência, Seu poder, Sua perseverança, e devemos tornar público, especialmente, Seu abnegado amor demonstrado ao entregar Sua vida por Suas ovelhas. Ele é um Salvador? Devemos mostrar como Ele pode salvar perpetuamente aos que por Ele se achegam a Deus. Devemos falar muito sobre a mansidão que não quebra a cana, nem apaga o pavio que fumeja. Deve nos deleitar o falar de Cristo, que se inclina até o homem de coração quebrantado e lhe sara as feridas, e tem Seu ouvido aberto para ouvir o clamor de um espírito contrito. O caráter de Cristo é o ímã que atrai os pecadores a Si, e sobre este bendito tema poderia seguir falando sem cessar.

Quando, em uma ocasião, Samuel Rutherford estava falando das belezas de Cristo a quem amamos tão encarecidamente, um dos seus ouvintes se viu constrangido a gritar: “vamos, homem, tens o tom correto, segue assim”; e, na verdade, este é um tema que poderia induzir ao gago a falar com poder, e fazer com que o próprio mudo fosse eloquente por Cristo.

Oh, quão glorioso é o nosso bendito Senhor! Podemos dizer muito bem com a esposa de Cantares: “Ele é totalmente desejável.” Não podemos exagerar Suas Excelências e Seus encantos, e nossa meta constante tem que ser pintar tal retrato Dele que os pecadores se apaixonem por Ele, e confiem Nele para serem salvos com Sua grandiosa salvação.

Devemos ter sempre o propósito de pregar a Cristo como *a única esperança do pecador*. Em tempos antigos, haviam certas pessoas ingênuas que pretendiam encontrar um remédio universal para todas as enfermidades, uma *panaceia*¹; mas sua busca foi em vão. Todos os anúncios de remédios de curandeiros que podem enganar as pessoas ingênuas, jamais convencerão as pessoas maduras de que se descobriu ou descobrirá, que jamais haverá uma panaceia para todas as enfermidades herdadas pela carne. Contudo, há um remédio universal para as enfermidades da alma, e esse remédio universal é Cristo. Qualquer que seja sua enfermidade: a furiosa febre da luxúria, a trêmula febre intermitente das dúvidas e dos temores, ou a feroz destruição da desesperança, Jesus Cristo pode curar. Sem importar a forma que o pecado possa tomar – seja um olho cego, ou um ouvido surdo, ou o duro coração de pedra, ou uma consciência ignorante e cauterizada – existe um remédio nas veias de Jesus que muito bem poderíamos chamar de o “divino ‘cura-tudo””. Nenhum caso submetido alguma vez a Cristo foi capaz de desconcertar Sua habilidade, e Ele é ainda “*grande para salvar*.” Devemos ser muito claros em dizer ao pecador que não há esperança para ele em nenhuma parte exceto em Cristo. Nove de dez das flechas que estão na aljava de um ministro devem ser disparados contra as boas obras do pecador, pois estas são seus piores inimigos. Essas

¹ Na mitologia grega *Panaceia* (ou *Panacea* em latim) era a deusa da cura. O termo *Panaceia* também é muito utilizado com o significado de remédio para todos os males. (Wikipédia)

“*obras de morte*” que necessitam ser lançadas “aos pés de Jesus” – esse procurar ser ou sentir algo para poder salvar-se a si mesmos – essa é a maldição de muitos.

Oh, pecador, ainda que, da coroa de sua cabeça até a planta de teus pés não haja nenhuma parte sã em você, e somente esteja cheio de feridas, contusões e chagas podres, se crê em Jesus, Ele sarará cada partícula de seu ser, e você seguirá seu caminho como um pecador salvo pela graça.

Devemos também pregar a Cristo como *o único deleite do cristão*. Necessitamos de Cristo como um salva-vidas quando estamos afundando nas ondas do pecado, mas agora que nos colocou a salvo em terra, necessitamos que seja nosso alimento e nossa bebida. Quando estávamos enfermos por meio do pecado, necessitávamos de Cristo como nosso remédio; mas agora que Ele restaurou nossa alma, necessitamos Dele como nosso sustento *contínuo*. Não há nenhuma carência que um cristão possa experimentar, que Cristo não possa suprir, e não há nada em Cristo que não seja útil para um cristão. Vocês sabem que algumas coisas que possuímos são boas, mas nem todas são completamente úteis para nós. Por exemplo, uma fruta é boa, mas tem uma casca que tem que ser descascada, e uma semente que tem que ser retirada; mas quando Cristo se dá a nós, podemos tomá-lo totalmente, e alegrar-nos para deleite do nosso coração. Tudo que Cristo é, e tudo que Cristo tem, é nosso.

Portanto, cristão, faça um pacto com sua mão, de que se agarrará à cruz de Cristo para que seja sua única confiança; faça um pacto com seus olhos, de que não buscará a luz em nenhuma outra parte, exceto no Sol da justiça; faça um pacto com seu ser inteiro, de que será crucificado com Cristo, e logo será levado ao céu para viver e reinar com Ele eternamente. Sim, esta tem de ser a expressão do teu coração –

**“Tu, oh Cristo, Tu és tudo o que necessito,
O que encontro em ti não tem limites.”**

II. Agora, em segundo lugar, PARA QUEM DEVEMOS PREGAR ISTO?

Possivelmente algum irmão dirá: “você deve pregar a Cristo aos eleitos.” Mas, como poderíamos saber quem são os eleitos? Li um sermão, faz algum tempo, no qual o ministro dizia: “tenho pregado aos vivos em Sião; o resto de vocês está morto, e não tenho nada que dizer a vocês. A eleição os obteve, mas o resto está cego.” Os pregadores desse tipo têm vida, para pregá-la aos vivos, e remédio, para recitar aos que estão sãos, mas, para que serve isso? Imaginem Pedro colocando-se de pé com os onze apóstolos no dia de Pentecostes, e dizendo à multidão congregada ao redor deles: “eu não sei quantos dos que estão aqui são elei-

tos, mas lhes direi que a eleição os tem alcançado, e o resto está cego.” Quantos teriam sido convertidos e agregados à Igreja por meio de uma mensagem como essa? Agora, Pedro estava naquele momento cheio do Espírito Santo, e foi por inspiração divina que pregou a Cristo crucificado à toda aquela diversificada multidão; e, então, quando se compungiram de coração, e perguntaram: “*varões irmãos, que faremos?*”? Pedro estava igualmente inspirado quando respondeu: “*Arrependei-vos, e cada um seja batizado em nome de Jesus Cristo para perdão dos pecados; e recebereis o dom do Espírito Santo.*”

Eu pretendo fazer o que Pedro fez, pois considero que a comissão de Cristo para seus discípulos é *obrigatória* para nós hoje: “*ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda criatura.*” Eu não posso saber se toda criatura a quem prego é escolhida ou não, mas meu ofício consiste em pregar o Evangelho a todos com quem me encontro, tendo a garantia de que todos aqueles a quem Deus escolheu para a vida eterna, certamente o aceitarão.

Quando certo clérigo perguntou ao Duque de Wellington: “*pensas, vossa excelência, que serve de algo pregar o Evangelho aos hindus?*”, ele simplesmente respondeu: “*Quais são suas ordens de marcha?*” Como soldado, ele acreditava em obedecer ordens; e quando o clérigo respondeu que as ordens eram: “*pregai o Evangelho a toda criatura,*” o duque

replicou: “então seu dever é muito claro; obedece às ordens do teu Senhor, e não deves preocupar-te com a opinião de ninguém mais.”

O principal ofício de um verdadeiro ministro é *pregar o Evangelho aos pecadores*, e ele nunca estará tão contente como quando está pregando àqueles que se reconhecem como pecadores. Quando ele está pregando aos que confiam em justiça própria, terá grandes problemas em relação aos efeitos da mensagem, pois teme que ela possa resultar em odor de morte para eles; mas quando se reúne com aqueles que se confessam cheios de aflição, que são culpáveis, e que estão perdidos e arruinados, então o ministro se deleita na esperança de resultados provenientes de sua pregação. Sente que agora está entre peixes que morderão a isca, assim que ele atira a linha do rio, logo experimenta o gozo de trazer à terra muitos peixes. Sabe que o pão é muito mais delicioso para os famintos, e que, inclusive, o remédio amargo será engolido avidamente pelo homem que está muito enfermo e anela ser curado. Entende que são os nus que necessitam ser vestidos, e quem não tem dinheiro, são os que clamam pedindo esmola.

Oh, pecadores, se vocês se dão conta que são vis e imundos, repletos de todo tipo de mal, que não contam com nada em si próprios que seja digno de ser chamado bom, e estão anelando serem libertos de todo tipo de mal, e serem feitos

santos como Deus é santo, alegra-me que meu Senhor me tenha dado em Sua Palavra uma mensagem como essa para vocês: *“Se confessamos nossos pecados, Ele é fiel e justo para perdoar nossos pecados e limpar-nos de toda maldade.”*

Ainda assim, um ministro de Cristo não limita sua pregação aos pecadores que estão persuadidos de sua culpa, *mas prega o Evangelho aos pecadores de qualquer idade*. Aos menores, cujas vidas ainda não têm sido manchadas pelos vícios da idade, Cristo crucificado é pregado como Salvador das crianças, e se alegra, na verdade, quando os meninos e as meninas confiam em Jesus, e são salvos. A vocês, que tem alcançado a metade da vida, Cristo crucificado lhes é pregado como o bálsamo que cura toda ferida, a cordialidade usada para toda preocupação, e fica agradecido quando vocês são salvos também pela graça por meio da fé em Jesus. Aos anciãos e aos que tem cabelos grisalhos, aos decrepitos, aos que estão à beira da sepultura, Cristo crucificado lhes é pregado; se pudesse alcançar um pecador que houvesse alcançado a idade de Matusalém, ainda para ele se pregaria o mesmo Evangelho, pois sabe que não há nenhum pregador exceto Cristo Crucificado do Calvário, e sabe também que, sejam velhos ou jovens, ou nem velhos nem jovens, todos os que confiam nEle, são salvos imediatamente e salvos para sempre.

E, uma vez que prega a Cristo aos pecadores de todas as idades, o verdadeiro ministro também *prega a Cristo aos pecadores de todas as classes*. Para as rainhas, príncipes e nobres não tem nada melhor que pregar a Cristo, e não tem nada menos que Cristo para pregar aos camponeses e artesãos, ou aos indigentes; Cristo crucificado para os homens de letras e de erudição, e Cristo crucificado, igualmente, para os ignorantes e os analfabetos.

Ele também prega a Cristo aos pecadores *de todos os tipos*, inclusive aos ateus, ao homem que diz que não há Deus, e o exorta a que creia e viva. Prega a Cristo aos homens abertamente profanos; quando eles fazem uma pausa momentânea em suas blasfêmias, fala-lhes desse grande juramento que Deus tem jurado: “*Vivo Eu, disse Jeová, o Senhor, que não quero a morte do ímpio, mas que volte o ímpio do seu caminho, e que viva.*” Nós pregamos a Cristo às prostitutas nas ruas; e, oh, quão alegremente muitas delas o receberam, e quão alegremente encontraram limpeza de suas manchas no precioso sangue de Jesus! Pregamos a Cristo ao bêbado, pois nós cremos que nada que não seja a graça de Deus pode resgatá-lo de sua degradação e pecado, e temos visto muitos pecadores desses que têm sido recuperados pelo Evangelho.

A pregação de Cristo crucificado, o levantamento do Filho de Deus agonizante “*como Moisés levantou a serpente*

de bronze no deserto,” tem o poder suficiente para desaranjar o mundo inteiro, e para converter em santos aos pecadores, portanto, temos a intenção de continuar *pregando a Cristo a todos os pecadores de todo tipo*. Não temos a intenção de deixar ninguém fora, nem sequer a você, meu amigo, que pensa que tem sido deixado de fora, ou que deveria ser deixado de fora. Sabemos que existe um livro da vida diante do trono de Deus, e que mais nomes não podem ser escritos nele; todos foram registrados antes da fundação do mundo quando o Pai deu a Cristo aqueles que haveriam de ser eternamente seus. Nós não podemos remontar-nos ao céu para ler os nomes dos redimidos que estão ali escritos, mas cremos que a lista contém milhões e milhões de nomes daqueles que ainda não confiaram em Cristo, pelo que temos a intenção de seguir pregando de Cristo aos pecadores de toda idade, de toda condição, de todo tipo, de todo grau de negrura e vileza, e cremos que “ainda há lugar,” que ainda há misericórdia para o miserável, que ainda há perdão para o culpado que venha e confie em Jesus Cristo, e Nele crucificado.

III. Agora, por último, COMO DEVEMOS PREGAR A CRISTO CRUCIFICADO?

Eu creio, primeiro, que devemos pregar a Cristo *corajosamente*. Recordo de um jovem que subiu a um púlpito, para dirigir-se a uma pequena congregação, e começou dizen-

do que esperava que perdoassem sua juventude, e que desculpassem sua impertinência ao vir falar-lhes. Algum velho cavalheiro insensato disse: “Quão humilde é esse jovem, visto que fala assim!”, mas outro, que era mais sábio que ele, ainda que mais jovem, disse: “Que desonra para seu Senhor e Mestre! Se Deus lhe enviou com uma mensagem para essas pessoas, que importa se é velho ou jovem! Uma modéstia fingida como essa está fora de lugar no púlpito.” Eu penso que o segundo homem estava correto, e que o primeiro estava equivocado. Um verdadeiro ministro do Evangelho é um embaixador de Cristo, e, por acaso nossos embaixadores vão às cortes estrangeiras com desculpas por levar mensagens de seu soberano? Seria um grande insulto contra a coroa desses reinos se eles mostrassem uma humildade assim em sua capacidade oficial.

Os ministros do Evangelho devem guardar sua modéstia para outras ocasiões, quando deva ser manifestada, mas não devem desonrar Seu Mestre nem desacreditar Sua mensagem como o fez aquele jovem néscio. Quando pregamos a Cristo crucificado, não temos nenhuma razão para gaguejar ou balbuciar, duvidar, ou desculpar-nos; não há nada no Evangelho que tenhamos motivos para nos envergonharmos. Se um ministro não está seguro sobre sua mensagem, que fique calado até que esteja seguro acerca dela; mas nós cremos, e, portanto, falamos com o sotaque da convicção. Se não tenho provado o poder do Evangelho em meu próprio

coração e em minha vida, sou um vil impostor ao estar neste púlpito para pregar esse Evangelho a outras pessoas; mas como eu sei, com toda segurança, que sou salvo pela graça por meio da fé em Jesus Cristo, e como tenho a certeza que tenho sido chamado divinamente a pregar seu Evangelho –

**“Por ventura, por medo do homem fraco,
Restringirei o curso do Espírito em mim?
Ou, sem desfalecer em obras nem palavras,
Serei uma verdadeira testemunha para
meu Senhor?”**

Mas, enquanto pregamos a Cristo corajosamente, devemos também *pregar afetuosamente*. Deve haver um grande amor em nossa proclamação da verdade. Não devemos duvidar de mostrar aos pecadores o estado de ruína que o pecado os tem levado, e devemos expor-lhes o remédio divinamente prescrito; mas temos de combinar a ternura de uma mãe com a severidade de um pai. Paulo parecia tanto uma mãe como um pai, em um sentido espiritual, em seu ministério. Escreveu aos gálatas: “*Filhinhos meus, pelos quais volto a sofrer dores de parto, até que Cristo seja formado em vós*”; e aos de Corinto escreveu: “*em Cristo Jesus, eu os gerei por meio do Evangelho*”; e todo verdadeiro ministro de Cristo, à sua medida, pode identificar-se com ele nessas duas experiências. Sim, pecadores, na verdade, nós lhes amamos; com frequência, nosso coração está a ponto

de ser quebrantado pelo anseio que temos de vê-los salvos. Desejaríamos poder pregar-lhes com os olhos banhados em pranto de um Richard Baxter; não, melhor, com o coração que se derrete e com o zelo consumidor do Salvador.

Então, continuando, devemos pregar *somente a Cristo*. Como Paulo, todo verdadeiro ministro deveria ser capaz de dizer a seus ouvintes: “*Me propus não saber coisa alguma entre vós senão a Jesus Cristo, e a este crucificado.*” O pregador não deve jamais mesclar nenhuma outra coisa com o Evangelho. Cada vez que prega, deve tratar sempre do velho tema, “*Jesus Cristo, e a este crucificado.*” Cristo é o Alfa do Evangelho, e Ele é o Ômega também; a primeira letra do alfabeto do Evangelho, e a última letra, e todas as letras que estão entre elas. Deve ser Cristo, Cristo, CRISTO, do princípio ao fim. Não deve haver nenhum tráfego de obras nem nenhuma outra coisa mesclada com Cristo. Não deve haver nenhum cobrimento de cal em nossa edificação sobre Cristo, o único fundamento que está posto uma vez para sempre.

O pregador deve propor-se pregar a Cristo *de forma muito simples*. Deve demolir suas grandes palavras e suas longas frases, e deve orar pedindo proteção contra a tentação de usá-las. Usualmente são as frases curtas – como punhais – que fazem o melhor trabalho. Um verdadeiro servo de Cristo jamais deve tentar deixar que as pessoas vejam quão bem ele prega; nunca deve desviar-se do seu caminho para

inserir um belo pedaço de poesia em seu sermão, nem deve inserir excelentes citações dos clássicos. Deve empregar um estilo simples e caseiro, ou qualquer estilo que Deus lhe houver dado; deve pregar a Cristo tão claramente que seus ouvintes não só possam entendê-lo, mas que não possam mal interpretá-lo, inclusive, se tratarem de tentar fazê-lo.

Agora, meu tempo está esgotado, e devo concluir dizendo que devemos procurar pregar a Cristo *salvadoramente*. Oh, pecadores, eu queria que vocês confiassem em Cristo nesse preciso instante! Vocês se dão conta de quão grande é seu perigo? Alma não convertida, você está parada, podemos dizer, sobre a boca do inferno, sobre uma só tábua, e essa tábua está podre! Homem, você poderia estar em sua tumba antes que amanheça outro dia de domingo; e, então, se não é salvo, estará no inferno! Tenha cuidado de não ser levado sem que esteja preparado; pois, se essa for sua infeliz porção, não haverá recompensa que possa liberar sua alma de descer ao abismo. Veja sua necessidade de Cristo, pecador, e agarre-se a Ele, pela fé. Nada, senão Cristo, pode salvar-lo. Cristo é o caminho; você pode andar por todos os lados, toda sua vida, tratando de encontrar outra entrada para o céu, mas não a encontrará, pois esse é o único caminho. Por que você não haveria de vir a Deus por meio de Cristo? Por que razão é tão ingrato para desprezar a misericórdia paciente de Deus? A bondade de Deus não o conduzirá ao arrependimento? Acaso Cristo morrerá pelos pecadores, e você, pe-

cador, se apartará Dele que é o único que pode dar-lhe a vida? Basta que creia Nele, e Ele o salvará; seus pecados, que são muitos, ser-lhe-ão perdoados, todos; você será adotado na família de Deus, e a seu devido tempo, você se encontrará no céu para não sair jamais dele. Se você quer ser feliz, se quer gozar da paz que excede todo entendimento, se quer ter dois céus – um céu abaixo e um céu acima – confia em Jesus, pecador, confia em Jesus neste preciso instante. Não saia deste edifício como um réprobo. Um olhar com fé lhe trará salvação, pois –

**“Há vida em olhar ao Crucificado:
Há vida neste instante para ti;
Então olhe, pecador: olhe para Ele e seja salvo,
A Ele, que foi cravado no madeiro.”**

Olhe para Ele, olhe para Ele agora; que o Espírito Santo os habilite para olhar e viver, por Jesus Cristo nosso, nosso Senhor! Amém.

***ORE PARA QUE O ESPÍRITO SANTO USE ESSE
SERMÃO PARA EDIFICAÇÃO DE MUITOS
E SALVAÇÃO DE PECADORES.***

FONTE:

Traduzido de

<http://www.spurgeongems.org/schs3218.pdf>

Todo direito de tradução protegido por lei internacional de domínio público e com permissão de Allan Roman do espanhol.

Sermão n° 3218—Volume 56 do The Metropolitan Tabernacle Pulpit,

Tradução: Higor Fernando

Revisão: Cibele Cardozo

Capa e diagramação: Sálvio Bhering

Projeto Spurgeon

Proclamando a Cristo crucificado.

Projeto de tradução de sermões, devocionais e livros do pregador batista reformado Charles Haddon Spurgeon (1834-1892) para glória de Deus em Cristo Jesus, pelo poder do Espírito Santo, para edificação da Igreja e salvação e conversão de incrédulos de seus pecados.

Acesse em: www.projetospurgeon.com.br

@ProjetoSpurgeon

Você tem permissão de livre uso desse material, e é incentivado a distribuí-lo, desde que sem alteração do conteúdo, em parte ou em todo, em qualquer formato: em blogs e sites, ou distribuidores, pede-se somente que cite o site “Projeto Spurgeon” como fonte, bem como o link do site www.projetospurgeon.com.br. Caso você tenha encontrado esse arquivo em sites de downloads de livros, não se preocupe se é legal ou ilegal, nosso material é para livre uso para divulgação de Cristo e do Evangelho, por qualquer meio adquirido, exceto por venda. É vedada a venda desse material

Charles Haddon Spurgeon, comumente referido como C. H. Spurgeon (Kelvedon, Essex, 19 de junho de 1834 — Menton, 31 de janeiro de 1892), foi um pregador batista reformado britânico.

Convertiu-se ao cristianismo em 6 de janeiro de 1850, aos quinze anos de idade. Aos dezesseis, pregou seu primeiro sermão; no ano seguinte tornou-se pastor de uma igreja batista em Waterbeach, Condado de Cambridgeshire (Inglaterra). Em 1854, Spurgeon, então com vinte anos, foi chamado para ser pastor na capela de New Park Street, Londres, que mais tarde viria a chamar-se Tabernáculo Metropolitano, transferindo-se para novo prédio.

Desde o início do ministério, seu talento para a exposição dos textos bíblicos foi considerado extraordinário. E sua excelência na pregação nas Escrituras Bíblicas lhe deram o título de *O Príncipe dos Pregadores* e *O Último dos Puritanos*.



Projeto
Spurgeon

Proclamando a CRISTO crucificado

